

#830  
20.ABR.2008

Este suplemento faz parte do Jornal de Notícias  
n.º 324/120, Diário de Notícias n.º 50786 e é vendido  
com o Diário de Notícias (Madeira) n.º 42973.  
Não pode ser vendido separadamente

# notícias

## magazine



**Douro**  
Proteger os  
senhores  
dos ares

**Crianças**  
De onde vem  
o dinheiro?

- > Os antidepressivos valem tanto como um comprimido de farinha?
- > Só são eficazes em «depressões severas»?
- > Então o que é uma «depressão moderada»?
- > É melhor fazer psicoterapia ou tomar medicamentos?

As respostas do psiquiatra **Luiz Gamito**, recém-nomeado director clínico da Misericórdia de Lisboa e durante muitos anos director do Hospital Júlio de Matos.

# depressão

A MAIOR CAUSA DE DOENÇA NO MUNDO

A Primavera é de esperança no Parque Natural do Douro Internacional. — Um programa de emergência financiado pela EDP que coloca no terreno as ONG locais luta pela sobrevivência do abutre-do-egipto, águia-de-bonelli e cegonha-preta. — Nos campos, sementeiras de cereais junto às falésias, a abertura de charcas e a reativação de pombais devolvem à paisagem o seu perfil tradicional

# Proteger os senhores dos ares

TEXTO Susana Torrão — FOTOGRAFIA Manuel Teles

**A**inda parece Inverno e os grifos, que em voos planados abrem as asas com mais de dois metros de envergadura, são por agora os senhores das escarpas. Voam logo abaixo do pequeno grupo de pessoas que observa o rio, do alto das fragas, junto à povoação de Pico-te. Com 600 casais, 200 dos quais a habitar no lado espanhol do parque, esta espécie têm uma população estável e o seu estatuto não é preocupante. Uma realidade bem diferente da da águia-de-bonelli, com território um pouco mais a sul, junto a Urrós, ou da vida pelos casais de cegonha-preta e de abutre-do-egipto, que em Março chegam de África para nidificar junto ao Douro.

## Espécies a diminuir

Nos últimos anos, a população destas espécies tem vindo a ressentir-se das mudanças na agricultura, da caça e das novas leis sanitárias que proíbem o abandono de carcaças



JOSÉ JAMBAS

Abutre-do-egipto, também conhecido como almocreve-do-cuco, por chegar sempre ao Douro no início da Primavera.



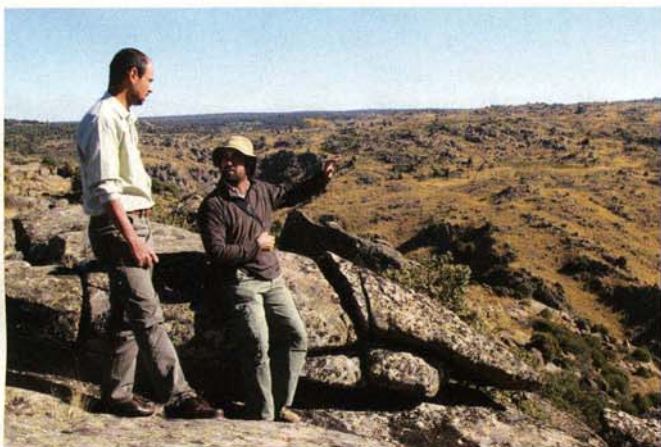
de animais nos campos. Por isso, o Parque Nacional do Douro Internacional (PNDI) e a EDP chegaram a acordo para avançar com o Plano de Emergência para a Recuperação de Aves Rupícolas, cujo custo de 363 mil euros é inteiramente financiado pela empresa eléctrica nacional.

Ao longo de dois anos, serão realizadas várias acções com o objectivo de melhorar as condições de alimentação de águias-de-bonelli, cegonhas-pretas e britangos (outro nome para o abutre-do-egipto). Além do parque, ao qual cabe a coordenação do projecto, e da EDP, o plano de emergência conta ainda com o trabalho de várias associações locais, que têm por tarefa o trabalho no terreno. «Escolhemos estas associações porque têm um bom conhecimento da realidade, dos sítios e da população, o que facilita o trabalho», explica Armando Loureiro, director-adjunto do Departamento de Gestão de Áreas Classificadas do Norte, do Instituto de Conservação da Natureza e Biodi-

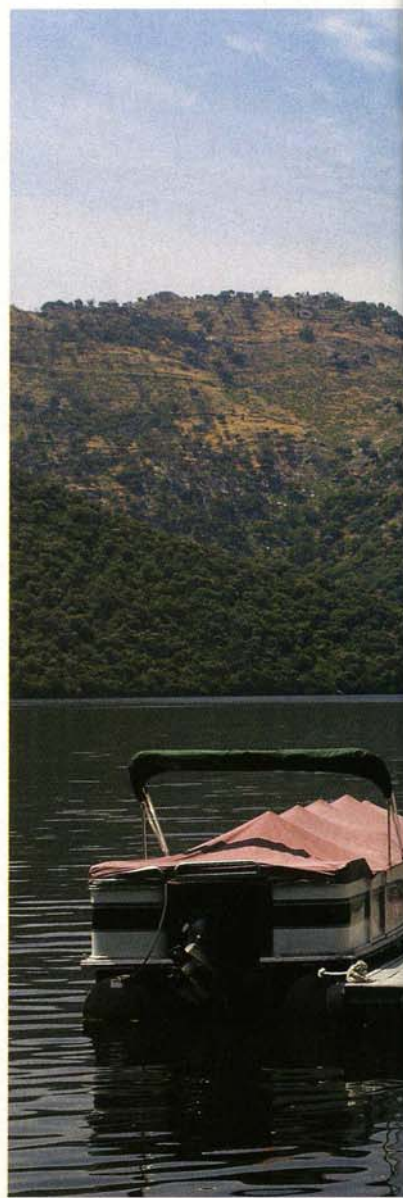
ressentir-se. Dos 14 casais existentes, apenas três continuam a reproduzir-se e, em 2008, dois casais podem vir a ser dados como extintos», explica António Monteiro, biólogo, coordenador do projecto e técnico do PNDI.

Com vista à recuperação da população de águias, o plano de emergência tem como principais acções a reactivação de alguns pombais tradicionais, novas sementeiras com cereais usados na região, que possam atrair mais coelhos e perdizes, e a construção de cercados para coelhos bravos. Tudo junto das áreas de nidificação das aves.

Esta ave de rapina, ao contrário das espécies necrófagas como o grifo, nem sempre tem mantido uma convivência pacífica com a população. Como se alimenta principalmente de coelhos bravos e pombos, tem sido abatida pelos caçadores. Por outro lado, os postes de média tensão, nas imediações das povoações, são por vezes causa de morte por electrocussão. No entanto, tanto para os técnicos do parque como para o veterinário e



António Monteiro, biólogo e coordenador do projecto técnico do PNDI, em conversa com Armando Loureiro, director-adjunto do Departamento de Gestão de Áreas Classificadas do Norte, do ICNB.



versidade (ICNB). A distribuição de tarefas é feita tendo em conta não só o tipo de actividade a que cada uma se dedica, mas também a sua localização geográfica. A associação Aldeia tem já grande experiência de acções no campo e no contacto com a população e está encarregue de várias acções do projecto na área norte do parque. Na parte sul, a maioria das tarefas está entregue à associação Transumância e Natureza.

Só assim é possível levar a bom porto a tarefa num parque que, no lado português, conta com 85 mil hectares e obriga a um percurso de 200 quilómetros por estrada a quem o quiser percorrer de ponta a ponta. Com paisagens de cortar a respiração, do alto de escarpas que em alguns pontos chegam aos 300 metros, o PNDI tem vindo a assistir ao declínio de algumas das espécies que o habitam. «Das três espécies contempladas pelo plano, a águia-de-bonelli é a que mais tem vindo a

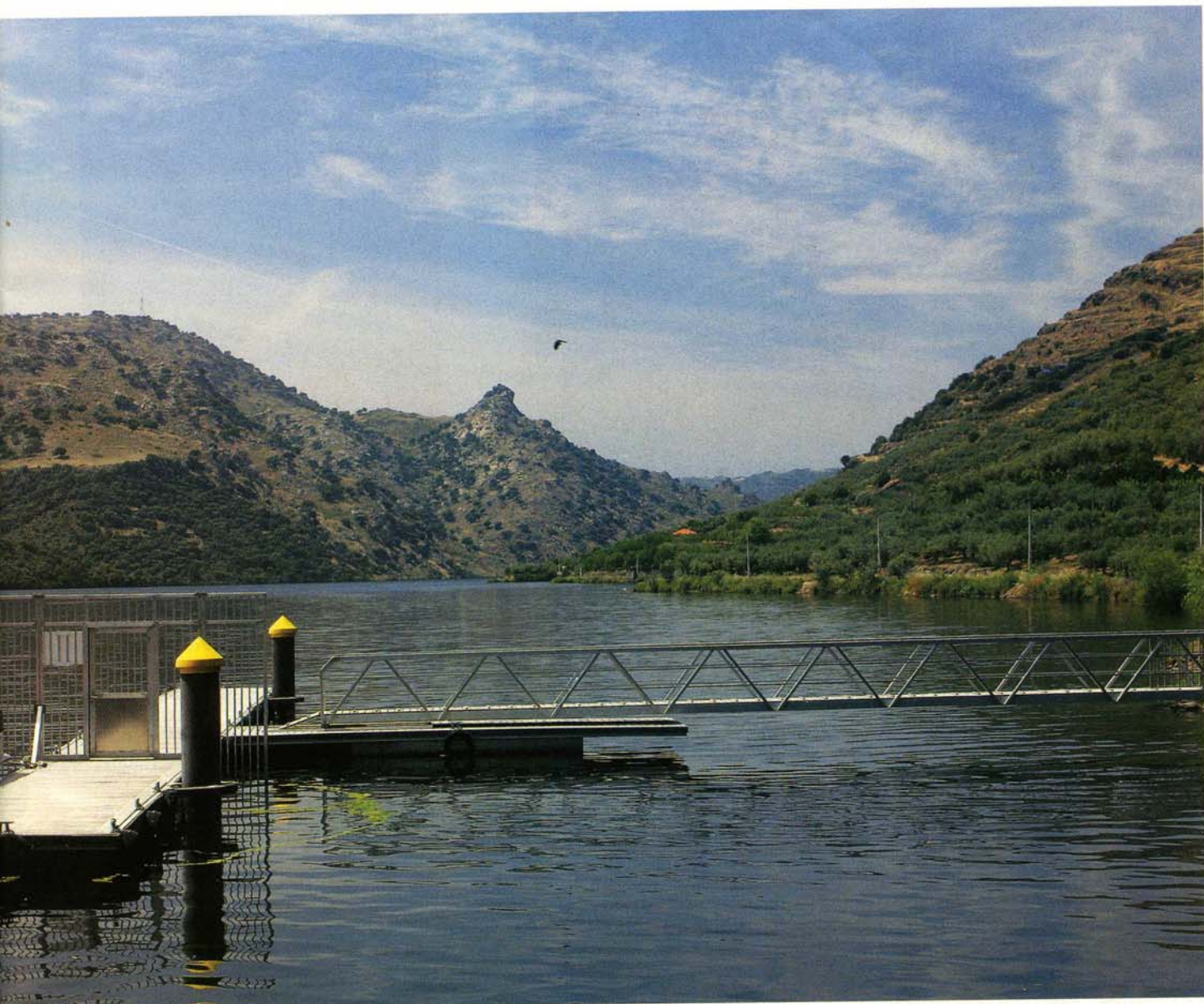
responsável pela associação Palombar (outra das ONG envolvidas), Miguel Nóvoa, a falta de uma alimentação adequada poderá estar na origem da quebra do ciclo reprodutor da águia-de-bonelli. Nos últimos anos, a população de coelhos tem decrescido, vitimada por doenças e pela escassez de alimento, são poucos os pombais que continuam activos e as mudanças na agricultura levaram a que espécies como a perdiz-vermelha procurassem outras paragens. Assim, a águia passa o Inverno com uma alimentação pobre, o que muitas vezes a impede de iniciar o ciclo reprodutivo durante o período de nidificação, que vai de Janeiro a Junho.

### Águia-de-bonelli já é rara

Ao nível europeu a águia-de-bonelli tem o estatuto de espécie em perigo e o *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal* considera-a rara. Com uma envergadura que vai dos 1,5 aos

1,8 metros e um peso que oscila entre 1,5 e 2,4 quilos, cada animal leva cerca de cinco anos a atingir a maturidade sexual. Por causa do ventre branco, em voo muitas vezes é confundida com a águia-cobreira e a águia-calçada e à distância distingue-se da águia-real por ter a ponta das asas ligeiramente dobrada para baixo. Ao longo das falésias, os territórios da águia-de-bonelli e da águia-real sucedem-se de forma alternada, sendo que a população de águias-reais no parque tem vindo a crescer.

Bárbara Fráguas, bióloga e membro da associação Aldeia, pega num punhado de terra onde já se misturam sementes de aveia, trigo e garroba. Apesar de se estar à beira de um caminho usado até há poucos anos pelos agricultores, agora só ali chegam condutores de veículos todo-o-terreno ou proprietários com pouco amor pelos seus carros. Os soalcos que compõem as encostas em redor estão quase todos por cultivar, já que fo-



ram os terrenos mais próximos do rio os primeiros a ser abandonados.

Depois da sementeira feita pela Associação de Produtores Florestais do Nordeste Transmontano, cabe à Aldeia fazer o acompanhamento da situação. O PNDI apostou em áreas pequenas – cerca de um terço de hectare – que surgem de forma intercalada ao longo do caminho. «Está provado que os coelhos só usam os bordos de uma sementeira, nunca vão mais do que três a quatro metros para o interior, daí que seja importante, não tanto a extensão da sementeira, mas sim o perímetro de contacto entre a área semeada e a zona de mato que a rodeia», explica Bárbara.

### Envolver as populações

Além dos cereais identificados pela bióloga naquele terreno, foram ainda escolhidas espécies como a lentilha e o centeio, muito



Bárbara Fráguas, bióloga e membro da associação Aldela. Ao lado, um grifo e águias-de-bonelli.



Miguel Nóvoa, veterinário e presidente da associação Palombar, escolhida para o projecto de recuperação e repovoamento de alguns dos pombais da zona.

apreciadas pelas aves, nomeadamente os pombos. «Tudo isto sempre o mais próximo possível das escarpas, para que as populações de presa sejam favorecidas perto do ninho das águias», afirma António Monteiro.

Mas antes que se façam novas sementeiras, 130 no total, é necessário conseguir mais terrenos, tarefa a cargo da Aldeia. Foram necessárias várias acções de esclarecimento, como a que foi feita em Urrós, no mês de Novembro. «Temos de os convencer de que, de facto, não vamos soltar cobras nos campos para alimentar as águias», explica Bárbara Fráguas. «É como a ideia que se formou, de que os parques naturais soltam lobos em determinadas regiões, quando isso nunca se fez», recorda. A associação teve de lidar com outros problemas: por vezes os donos tentam inflacionar o preço dos terrenos, outras vezes não lhes interessa ceder uma área tão pequena quer esta se destine a uma sementeira ou a um cercado para coelhos – uma espécie de alimentador para a águia-de-bonelli que, como rapina que é, necessita de alimento vivo.

Os pombos são outra das espécies presa a serem beneficiadas com o plano de emergência. O projecto prevê a recuperação e repovoamento de alguns dos pombais da zona. Mas não se trata do simples restauro dos edifícios brancos em forma de ferradura que aparecem um pouco por todo o Nordeste. «Vão ser feitas modificações na arquitectura interior que lhes garantam melhores condições sanitárias», explica António Monteiro. Nos novos pombais será evitada a concentração de ninhos nas paredes, e estes serão amovíveis, tornando toda a estrutura mais fácil de limpar e desinfetar.

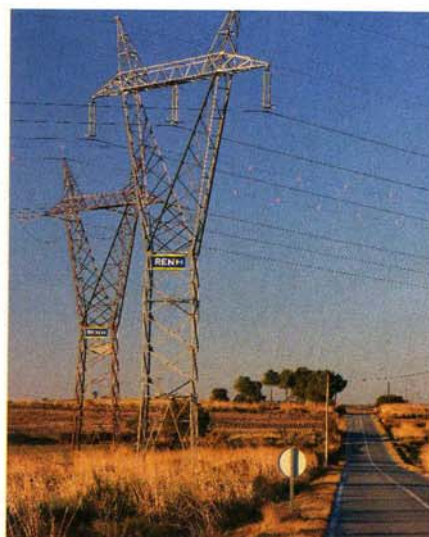
Com uma experiência de quase dez anos na reabilitação dos pombais, a associação Palombar foi a escolhida para levar a cabo o projecto. No início do Outono, Miguel Nóvoa, veterinário e presidente da associação, espera-

va que a 31 de Janeiro pelo menos um dos pombais estivesse pronto para se avançar com o repovoamento com animais geneticamente próximos do pombo-da-rocha, a espécie tradicionalmente usada nos pombais do Douro. Depois de chegarem à nova casa, as aves terão de passar por um momento de clausura: «Os pombos têm de estar fechados até à primeira postura e à primeira criação. Só então reconhecem o pombal como seu.»

De 1998 a 2006 a associação, em conjunto com o PNDI, recuperou 180 pombais, já com o intuito de ajudar à recuperação da águia-de-bonelli, mas destes só oito estão a funcionar. Nestes primeiros pombais a reactivação e o repovoamento ficou a cargo dos proprietários. «Mas ou porque os proprietários já têm muita idade ou porque não têm interesse em algo que, devido às doenças, é improdutivo, acabavam por desistir», recorda Miguel Nóvoa.

O plano de emergência prevê a reconstrução de três pombais junto da área de nidificação da águia-de-bonelli: em Urrós, onde se encontra um dos casais estáveis, Lagoaça e Linares. O acompanhamento dos pombais será feito em conjunto entre a Aldeia, o PNDI e a Palombar, à qual cabe o seguimento sanitário das estruturas. São os veterinários da associação a recolher as amostras de sangue que permitirão ver se as aves estão saudáveis. Doenças como a tricomonose ou a doença de Newcastle (mais rara) são cíclicas, provocam grande mortalidade e podem contagiar as águias que cacem os pombos infectados.

«Esperamos que os pombos possam depois ocupar os pombais mais próximos das aldeias», vaticina Miguel Nóvoa, que aponta outra vantagem para a proliferação destas aves: «As pombas são um insecticida natural, já que na Primavera comem ervas daninhas e vários insectos.» Habitado às ideias feitas que surgem entre a população,



A EDP está a corrigir as linhas de média e alta tensão para ajudar à protecção das espécies.

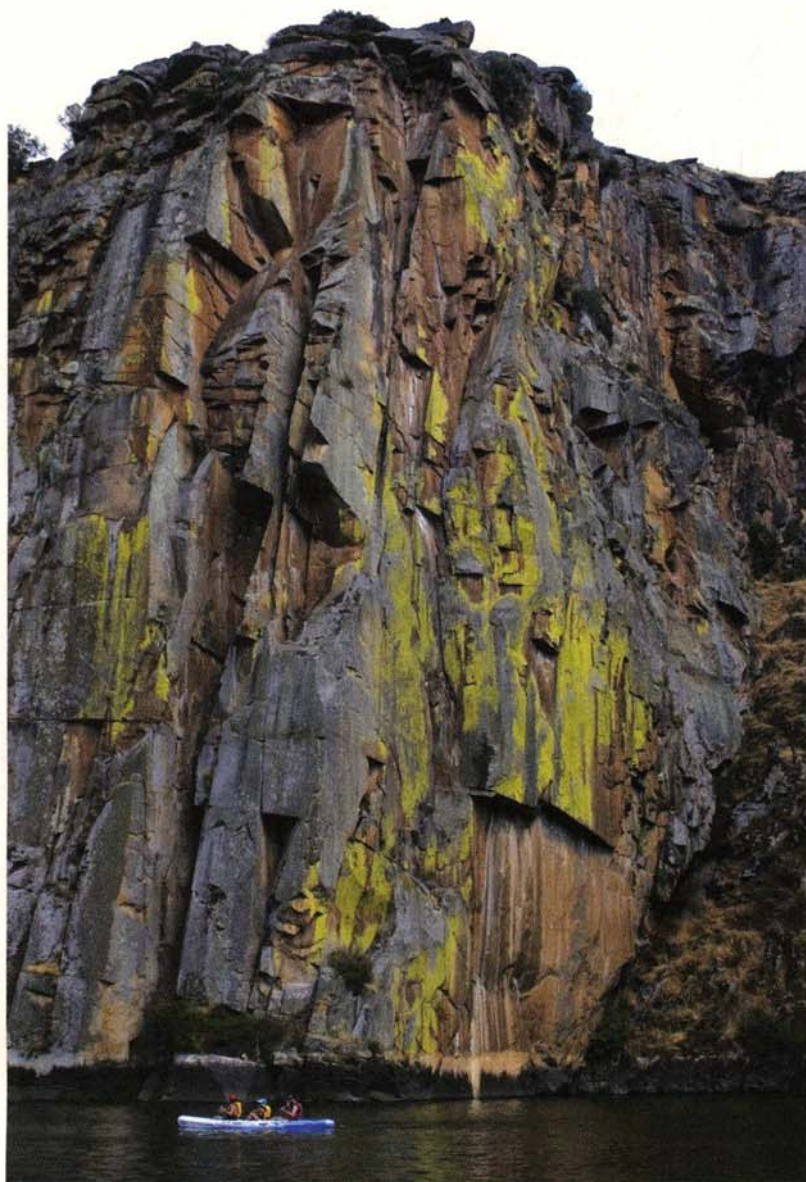
Miguel Nóvoa sublinha a importância das acções de sensibilização: «É essencial passar a ideia de que as aves selvagens não vivem para comer os coelhos todos e que, pelo contrário, podem ajudar à biodiversidade e ao aproveitamento turístico da região.»

#### Controlo sanitário da natureza

Ao contrário da águia-de-bonelli, o abutre-do-egipto sempre teve uma convivência pacífica com os agricultores. O almocreve-do-cuco – como é chamado por chegar ao Douro ainda cedo na Primavera – sempre contou com as carcaças que os proprietários deixavam nos campos de cada vez que lhes morria uma vaca, uma ovelha ou um burro. Os animais mortos eram difíceis de transportar e enterrar e os seus proprietários contavam com a ajuda de grifos e britangos para as limpar. Em alguns locais continuam a ser deixadas carcaças nos campos, mas as directivas comunitárias interditaram esta prática. A população de abutres-do-egipto pode ficar ameaçada e, mesmo com 95 casais presentes no parque, tem-se registado um decréscimo na periferia dos habitats.

Na natureza, o abutre-do-egipto e o grifo actuam em conjunto. Maior, com um bico mais forte e um pescoço livre de penas, o grifo chega primeiro às carcaças, que abre, e de cujas vísceras se alimenta. O britango chega depois, alimentando-se de pedaços de carne mais pequenos, vísceras, limpando os ossos ou comendo cadáveres de animais de menor porte. Com o pescoço emplumado, a ave que é o símbolo do PNDI não está morfologicamente preparada para abrir as carcaças.

«São estas espécies que fazem o controlo sanitário da natureza. O seu desaparecimento levaria a que determinadas doenças se propagassem», alerta António Monteiro. Ao nível ibérico, a população de abutres-do-egipto registou uma regressão superior a



Um sonho para o futuro: criar rotas de turismo ecológico.

trinta por cento e é no Parque do Douro Internacional que a espécie tem a maior área de nidificação da Europa dentro de uma zona protegida.

Não são só as normas sanitárias que põem em perigo a espécie. Como se trata de uma ave necrófaga, muitas vezes morre ao comer animais envenenados e, além disso, é mais sensível do que o grifo e abandona o ninho se for perturbada pelo homem. A aparente maior resistência do grifo não impediu contudo que esta espécie desaparecesse do Parque Nacional da Peneda Gerês vítima de carcaças envenenadas com estricnina, destinadas aos lobos.

Para evitar que a diminuição do número de efectivos de abutre-do-egipto seja agravada, o plano de emergência lançado em 2007 prevê a construção de dois campos de alimentação. Aos olhos humanos não são uma visão agradável, mas para as aves necró-

fagas estas áreas com perto de 400 metros, cercadas com rede alta onde são depositados cadáveres, são o convite para um banquete. Junto a Bemposta existia já um alimentador onde, de tempos a tempos, eram colocadas carcaças de burros ou vacas, procuradas pelos grifos antes do seu período de reprodução, com início em Dezembro. Os novos alimentadores têm em conta a área de alimentação da espécie – dez quilómetros a partir da área de nidificação – e a sua preferência por animais de menor porte. Antes de serem ali colocadas as carcaças são alvo de um controlo veterinário e sanitário.

É o britango a espécie que deverá ser mais beneficiada, mas a medida acabará por favorecer também grifos, os raros abutres-negros que por vezes surgem no parque vindos de uma colónia situada a oitenta quilómetros dali, já em Espanha, águias-reais e mi-lhafres-reais.

Caberá à Aldeia o acompanhamento da acção e a colocação do alimento. Só haverá comida nos alimentadores esporadicamente, já que na natureza as espécies necrófagas não se alimentam todos os dias. «Um grifo consome cerca de dois quilos de carne no dia em que se alimenta mas depois é capaz de andar muito tempo sem comer», garante Armando Loureiro.

Uma vez que o abutre-do-egipto permanece no Douro durante o período de nidificação, entre Março e Agosto, este reforço alimentar pode dar um novo fôlego à espécie. Os habitantes da região poderão então repetir um dito tradicional, à visão de um bando de abutres: «À volta, à volta, que cheira a carne morta!»

### Abertura de zonas de emergência

Tal como o abutre-do-egipto, a cegonha-preta também chega às arribas do Douro na Primavera. O PNDI conta com 16 casais mas em alguns locais a produtividade entre as cegonhas tem sido baixa. Mais uma vez, são as mudanças na agricultura que causam embaraço à espécie. A cegonha-preta constrói o ninho nas falésias, junto ao rio, mas escolhe charcas e pequenas lagoas para caçar peixes e pequenos anfíbios. As mudanças da paisagem agrícola nos últimos anos têm levado ao progressivo desaparecimento das charcas, dificultando a vida a esta ave cuja envergadura chega por vezes aos 1,90 metros. Além do mais, esta cegonha de pescoço, dorso e asas negros, ventre branco e bico e patas vermelhos, é muito sensível à perturbação humana e, uma vez incomodada, não regressa ao ninho.

Com o plano de emergência serão abertas dez charcas, em locais próximos da zona de nidificação de seis dos casais de cegonhas. Também esta é uma acção entregue à Aldeia, à qual cabe, depois de chegar a acordo com os proprietários do terreno, a naturalização dos novos pontos de água e das suas margens, através da transplantação de plantas aquáticas e ripícolas e o povoamento com peixes da região e anfíbios. O principal objectivo destes pontos de água com um mínimo de 150 metros quadrados é aumentar o índice de produtividade destes casais que passam a ter maior disponibilidade de alimento perto do ninho.

O plano contempla ainda outras acções, como o seguimento das aves por GSM, a videovigilância de alguns ninhos ou o investimento da EDP na correcção das linhas de média tensão. Em conjunto permitem não só a protecção das várias espécies como o acompanhamento da acção em tempo real. Se tiver sucesso, as arribas do Douro voltarão a ser terreno favorável para estes senhores dos ares, eles mesmos um pólo de interesse da região. É o que pensa Miguel Nóvoa, que não esconde um sonho para o futuro: «Criar rotas de turismo ecológico na área do parque, em conjunto com outras ONG.» ««